

I JOÃO

Autoria

Embora não haja a clara identificação de autoria no texto (o que tem provocado muito debate entre os eruditos ao longo da história), fica claro que o escritor fazia parte do grupo de discípulos que andou com Jesus (1:1-4). Documentos antigos entre os chamados “Pais da Igreja”, tais como Policarpo, Papias, Eusébio, Irineu, Clemente de Alexandria e Tertuliano¹, trazem alusões diretas ou indiretas a esta carta, citando João como seu autor.

Conhecido como “*o apóstolo do amor*”, João é frequentemente identificado como sendo o mais novo dos discípulos. A verdade é que esta afirmação é meramente dedutiva. Não há qualquer informação confiável nesse sentido no texto bíblico. A argumentação que leva a esta conclusão envolve aspectos como: a) ele correu mais rápido do que Pedro quando se dirigiram ao sepulcro de Jesus (João 20:4), o que indicaria ser mais jovem; b) a posição dele ao lado do Senhor da mesa da Páscoa (João 13:23-25), sendo o interlocutor da pergunta dos demais, seria o lugar do filho mais novo, na tradição judaica²; c) o fato de ter sido o último deles a morrer. Os Evangelhos o incluem no grupo mais íntimo do Senhor (Pedro, Tiago e João) e ele mesmo se descreve como “o discípulo a quem Jesus amava” (João 20:2; 21:20 etc), demonstrando sua amizade especial com o Senhor.

Destinatários

Esta carta tem mais características de um tratado ou sermão do que propriamente de uma carta. Não traz as tradicionais saudações de todas as demais epístolas do Novo Testamento, incluindo 2ª e 3ª João. Ela se encaixa perfeitamente no perfil das Epístolas Católicas (ou Universais ou Gerais) exatamente por isso: não contém um destinatário específico, mas aborda uma temática de advertência e exortação que serviria a todas as igrejas em qualquer parte do mundo.

Contexto Histórico

Tem-se por certo que João passou os últimos anos de sua vida em Éfeso, após um tempo de exílio da Ilha de Patmos (época em que escreveu o livro de Apocalipse). Ele foi um dos muitos líderes notáveis da igreja dos efésios. Esta igreja se tornou um centro de referência para as igrejas gentílicas. A partir dali, João reforça os alertas à igreja a respeito dos falsos ensinamentos que estavam se infiltrando nesta igreja, em especial o gnosticismo, que tentava negar a divindade de Jesus, bem como sua

¹ <http://marceloberti.wordpress.com/2008/08/04/autoria-de-1joao/>, consultado em 12 de julho de 2014.

² The Beloved Disciple. Moore, B.B&H Publishing, Nashville/TE. Pg 56.

ressurreição. Eles ensinavam que a vida estava no espírito, não importando o que se fizesse com o corpo. Este era um ataque frontal à doutrina e à fé cristã, que não poderia ser assistido em silêncio. Esta carta torna-se, assim, um tratado apologético da maior importância não somente para os seus dias, mas para toda a História da Igreja até nossos dias.

Esboço da carta

CAP	ASSUNTO
1:1-4	O testemunho dos apóstolos
1:5 – 2:11	A verdadeira comunhão com Deus
2:12-17	A separação do mundo
2:18-29	Os anticristos
3:1 – 5:5	O selo de autenticidade: ortodoxia e ortopraxia
5:6-21	O testemunho de Deus

Conteúdo

1. O testemunho dos apóstolos (1:1-4)

Tendo caminhado com Jesus e presenciado seu ministério desde o início, João era uma testemunha ocular de tudo o que o Verbo da vida tinha dito e realizado. Ele não tinha comprado de segunda mão, mas esteve lá, viu com seus próprios olhos. João reclinou-se ao peito de Jesus na última páscoa. Tinha um conhecimento experiencial do Senhor. Não era mais importante do que o Mestre, mas podia relatar o que dele tinha aprendido e vivido. Ao contrário dos “mestres” que falavam coisas de que não entendiam, o argumento de João era insuperável. Nada pode depor contra a experiência pessoal com o Senhor.

O termo “testemunha” é do mundo jurídico. O papel da testemunha no tribunal do júri é exatamente este: falar do que viu e ouviu. Sua fidelidade aos fatos é a coisa mais importante, que definirá os rumos do julgamento. Nesse caso, ser fiel ao que viu e ouviu a respeito de Jesus Cristo será determinante para que uma fé genuína e salvadora seja esparramada entre as nações que ouvirem o Evangelho.

2. A verdadeira comunhão com Deus (1:5 – 2:11)

Na introdução, João demonstra que o propósito da revelação de Deus através de Jesus Cristo é para que tenhamos comunhão plena com ele. O Filho de Deus veio ao

mundo para isso. Porém, existem condições para mantermos nossa comunhão com Ele:

- a. Pecados devem ser confessados (1:15-2:2).
- b. A obra da cruz nos garante perdão mediante a confissão (1:8)
- c. O perdão deve ser usado em caso de acidente (2:1)

Fica claro que o maior empecilho à nossa comunhão com Deus é o pecado. Não temos como escapar dele (1:8), mas temos como tratá-lo à maneira de Deus, através do arrependimento, confissão e abandono do erro. Este é o caminho da luz. O amor de Deus é incondicional, mas seu perdão depende da atitude correta por parte do pecador.

Além disso, devemos dar provas de que somos de Deus. Guardar seus mandamentos é a demonstração externa de que a fé que professamos no coração é genuína. Há uma coerência explícita no ensino de todas as cartas do Novo Testamento. O amor professado deve estar em plena coerência, sempre, com as atitudes que temos em relação a nossos irmãos em Cristo. Uma coisa jamais pode ser dissociada da outra.

3. A separação do mundo (2:12-17)

Uma vez que nossos pecados estão perdoados, fomos libertados do sistema anti-Deus que domina os seres humanos. O “mundo” (cosmos) é contrário a Deus, pois é controlado pelo Adversário, o diabo. Envolve todo o modelo de pensamento, estilo de vida, valores e objetivos que não consideram Deus, deixando-o à parte. Tudo isso será aniquilado um dia. Enquanto isso não acontece, é dever dos salvos romper com o sistema, vivendo na contramão do que ele propõe. Esta é uma característica do viver dos cristãos.

Temos uma nova natureza, que nos permite viver em separação total. Não podemos sair do ambiente, mas podemos sair do sistema. Já “vencemos o maligno”, então ele não pode mais nos dominar. O cristão precisa de constante discernimento para rejeitar todos os valores, crenças, prioridades, estilo de vida e tudo o mais que seja contrário à vontade explícita ou tácita de Deus.

4. Os anticristos (2:18-29)

Os representantes do mundo são chamados, por conceito, de “anticristos”. Não são apenas “anticristãos”, como se simplesmente fizessem oposição aos crentes. O “x” da questão é que eles se opõem a Cristo. Muitos deles fizeram parte da igreja e depois se desviaram, tornando-se apóstatas. Conheceram o caminho da fé, mas optaram por abandoná-lo e ainda lutar contra ele.

Os verdadeiros crentes têm a Unção do Espírito e não precisam ser ensinados por esses falsos mestres. Eles têm acesso direto à verdade, que lhes é confirmada pela Palavra e pelo testemunho do Espírito em seus corações. Não podem compactuar nem flertar com qualquer coisa que sugira de longe a negação do Filho de Deus, seja na sua origem, na sua divindade, no seu poder ou nos seus ensinamentos. A base de nossa fé é Cristo e qualquer coisa que o questione ou coloque em dúvida precisa ser rechaçada de pronto.

5. O selo de autenticidade: ortodoxia e ortopraxia (3:1 – 5:5)

Duas coisas são enfatizadas em relação ao crente verdadeiro, que o tornam fundamentalmente distintos de todo e qualquer credo falso bem como de seus seguidores: a convicção de que Cristo é o Filho de Deus e o amor ao próximo. Doutrina e prática; fé e obras. Andam juntas, são inseparáveis. Assim como a fé sem obras é morta, as obras sem a fé também o são.

A esperança gloriosa da transformação do nosso corpo para termos um igual ao do Senhor Jesus deve motivar-nos para uma vida santa e pura. Somos filhos amados, de quem se espera uma postura especial. Quem diz ter fé, mas continua na prática de uma vida pecaminosa, não teve, de fato, uma conversão. A marca de um filho de Deus é abandonar sua vida pregressa.

6. O testemunho de Deus (5:6-21)

Jesus Cristo, o filho de Deus é o único e verdadeiro fundamento da fé cristã. João apresenta as credenciais do Senhor, confirmadas por Deus Pai, pela Palavra e pelo Espírito Santo (5:7). Ele iniciou sua carta evocando o testemunho ocular dos apóstolos e encerra lembrando de que há o testemunho do próprio Deus a respeito de Seu filho.

Aceitar e crer neste testemunho, reconhecendo a Jesus como Filho de Deus, significa declarar sua divindade e senhorio. Não fazê-lo implica em descrer no caráter e no testemunho de Deus. Esta escolha é o que define a vida eterna, que não é conquistada por méritos, mas exclusivamente pela fé em Cristo.

Em dias de tantas dúvidas e incertezas, esta carta encerra com várias **certezas**, garantias que são dadas por Deus àqueles que creem:

- a. Temos a vida eterna (5:13)
- b. Nossas orações são ouvidas (5:14)
- c. Estamos protegidos do maligno (5:18)
- d. Estamos no Verdadeiro (5:20).